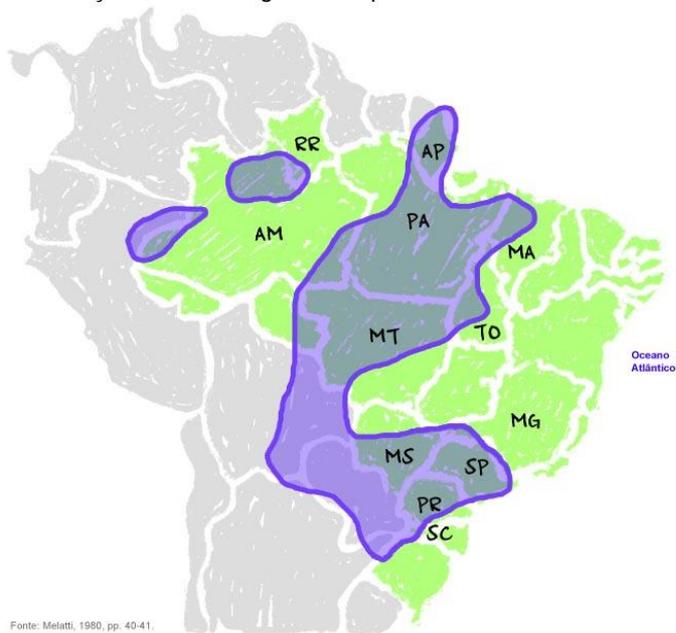


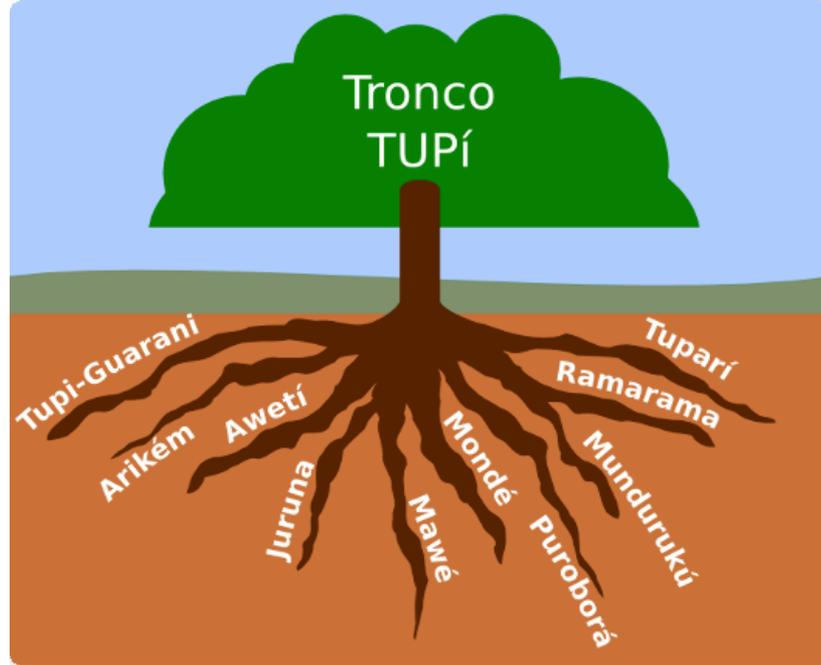
Os horticultores- ceramistas do Brasil Central, Nordeste e Centro-Oeste

Una, Aratu, Uru, Tupiguarani

Distribuição do tronco linguístico Tupi



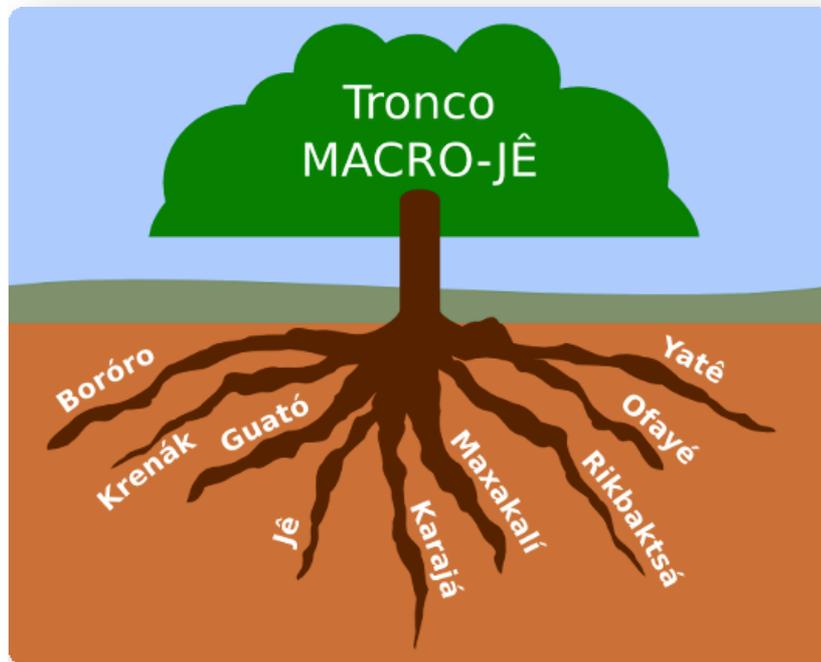
Fonte: Melatti, 1980, pp. 40-41.

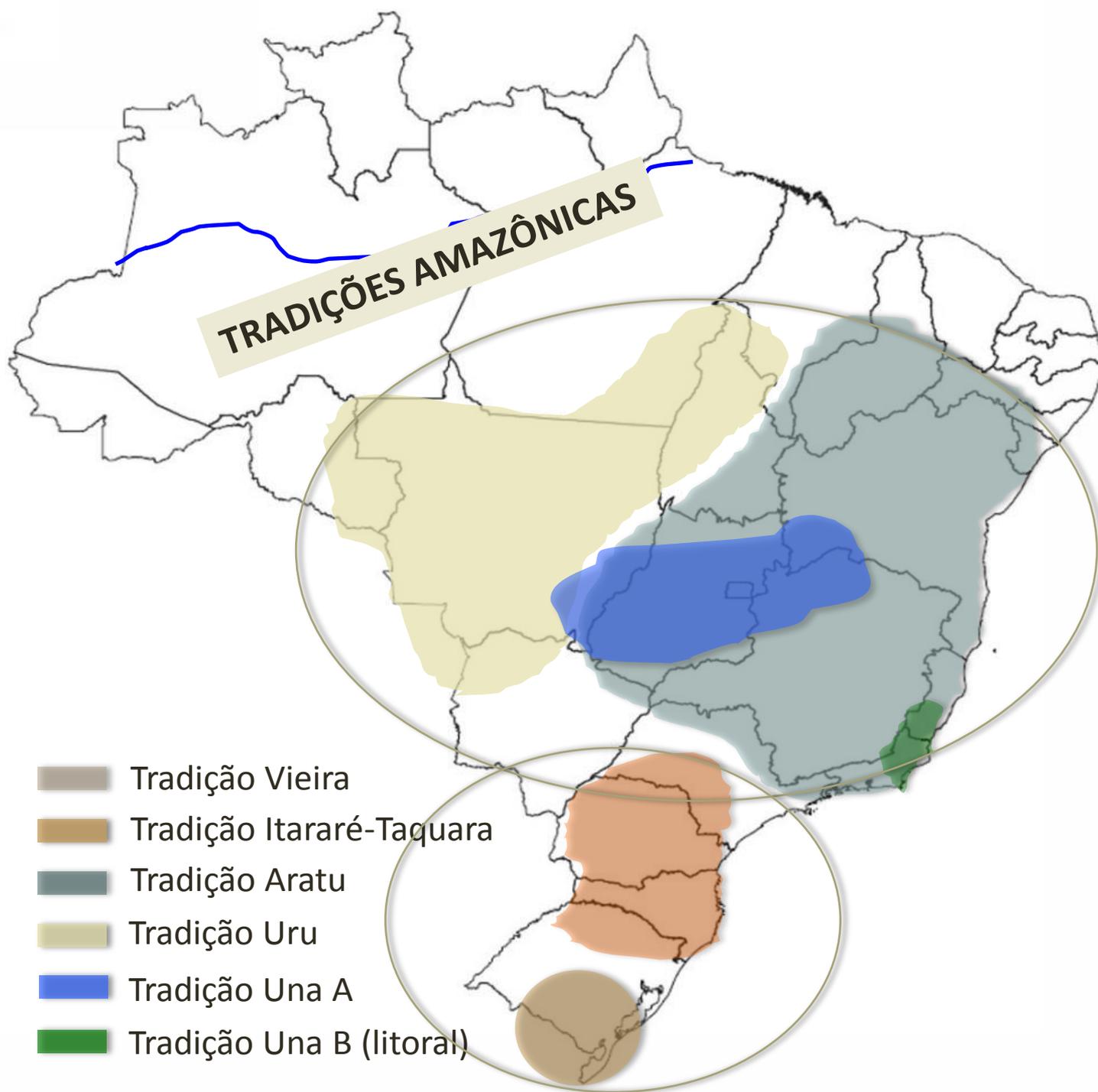


Distribuição do tronco linguístico Macro-Jê



Fonte: Melatti, 1980, pp. 40-41.





Grupos falantes de línguas Macro-Jê

- *Kamakã, Maxacali, Botocudo, Pataxó, Puri, Cariri, Ofaié, Jeikó, Rikbaktsá, Guató* (possivelmente *Bororo* e *Fulniô*)
- Datado de **5000-6000 aprox.**
- Hoje se concentram no Brasil central e Leste
- Antigamente se expandiam até o Rio de Janeiro e Baía
- Chamados genericamente de *Tapuia* pelos grupos falantes de línguas Tupi-guarani
- Não há consenso quanto a sua constituição...o rótulo “Macro-Jê” é o mais comumente utilizado

Tronco Macro-Jê

FAMÍLIAS

Jê (Kaingang, Xavante, Kaiapó)

Jaikó

Maxakalí (Pataxó)

Krenak (Aimoré, Borum, Botocudos)

Kamakã (Kotoxó)

Karajá

Ofayé

Rikbáktsa

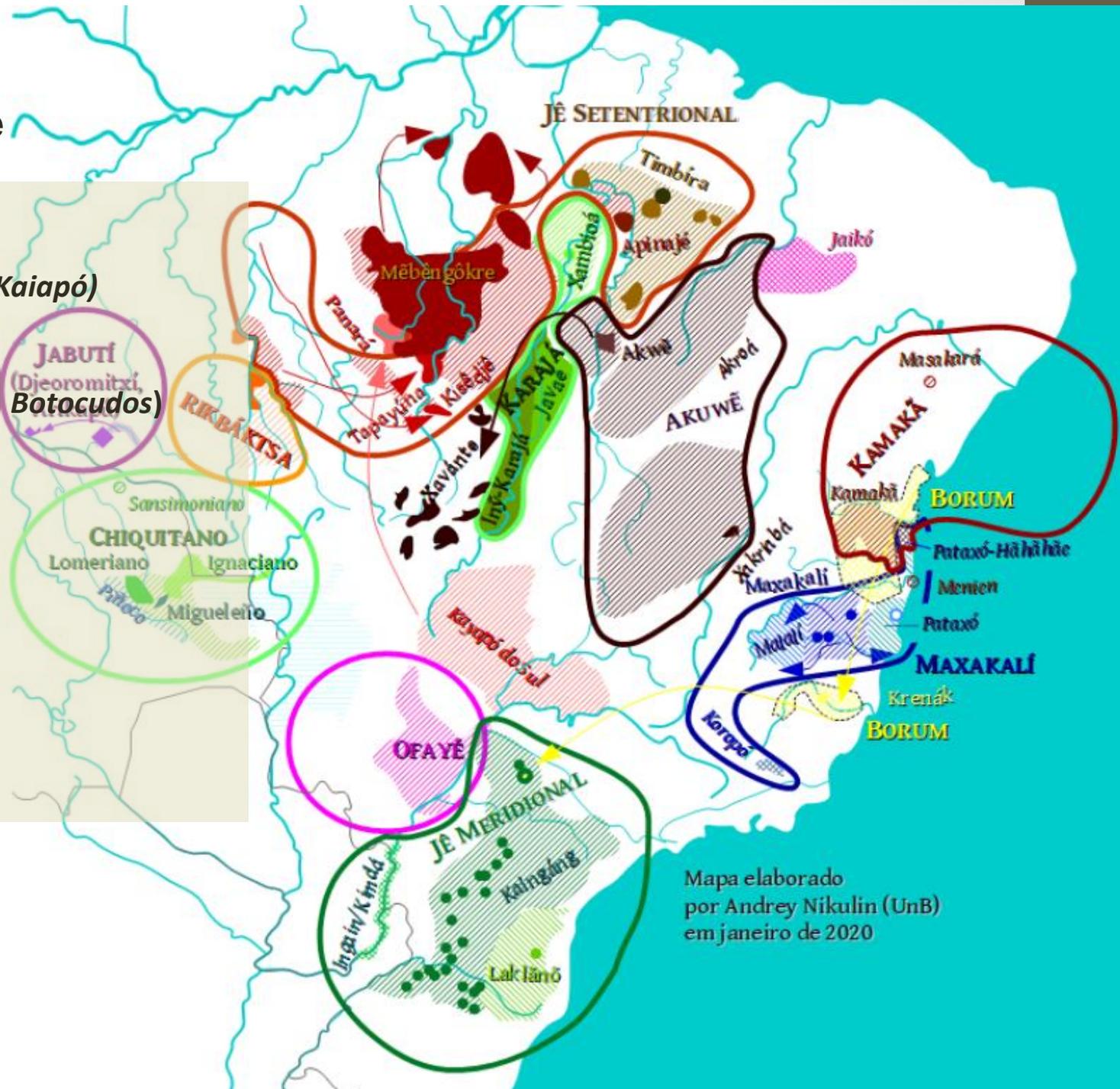
Jabutí

Chiquitano

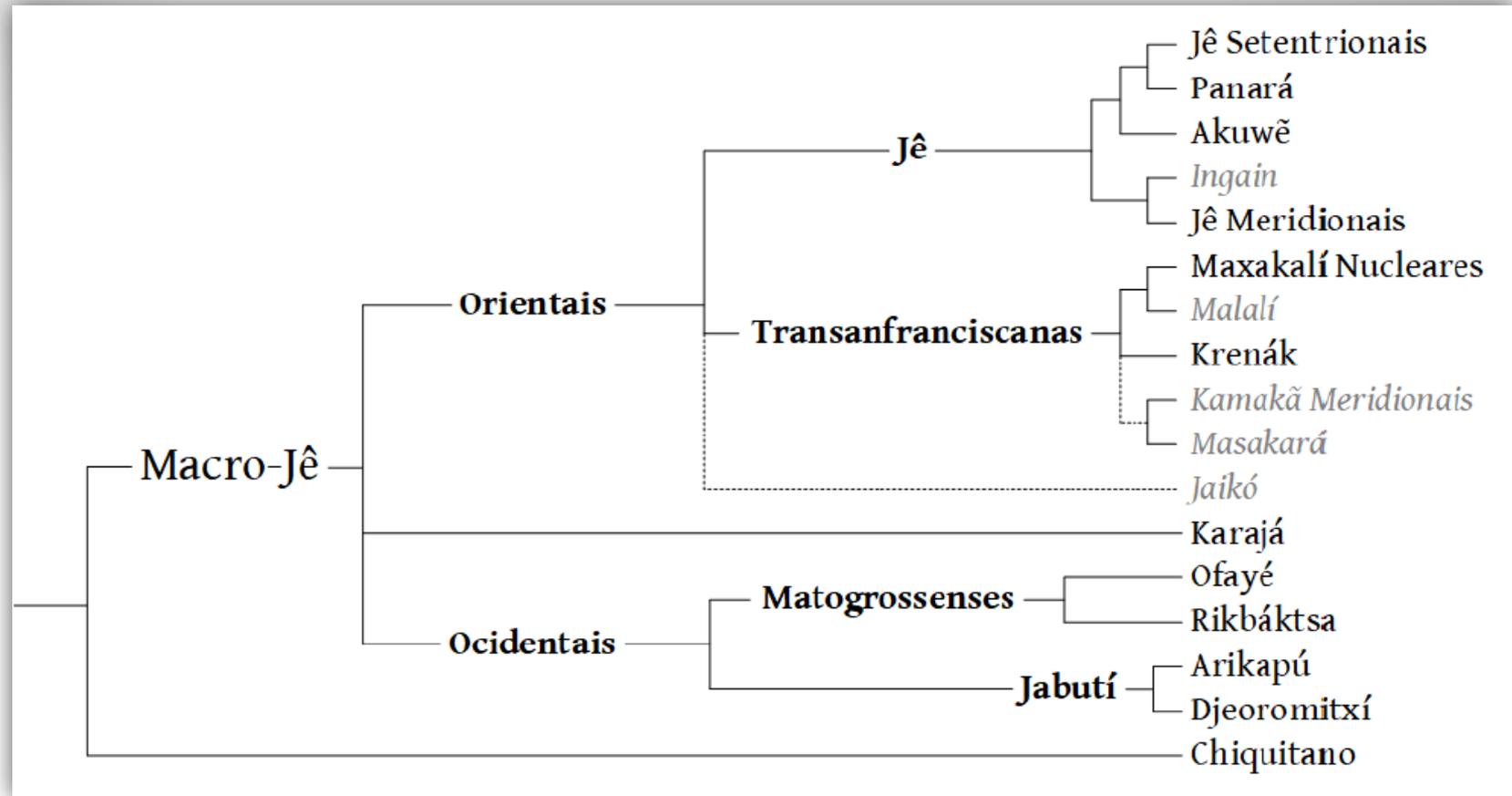
Bororo

Puri (Coroado)

Kariri



Mapa elaborado por Andrey Nikulin (UnB) em janeiro de 2020

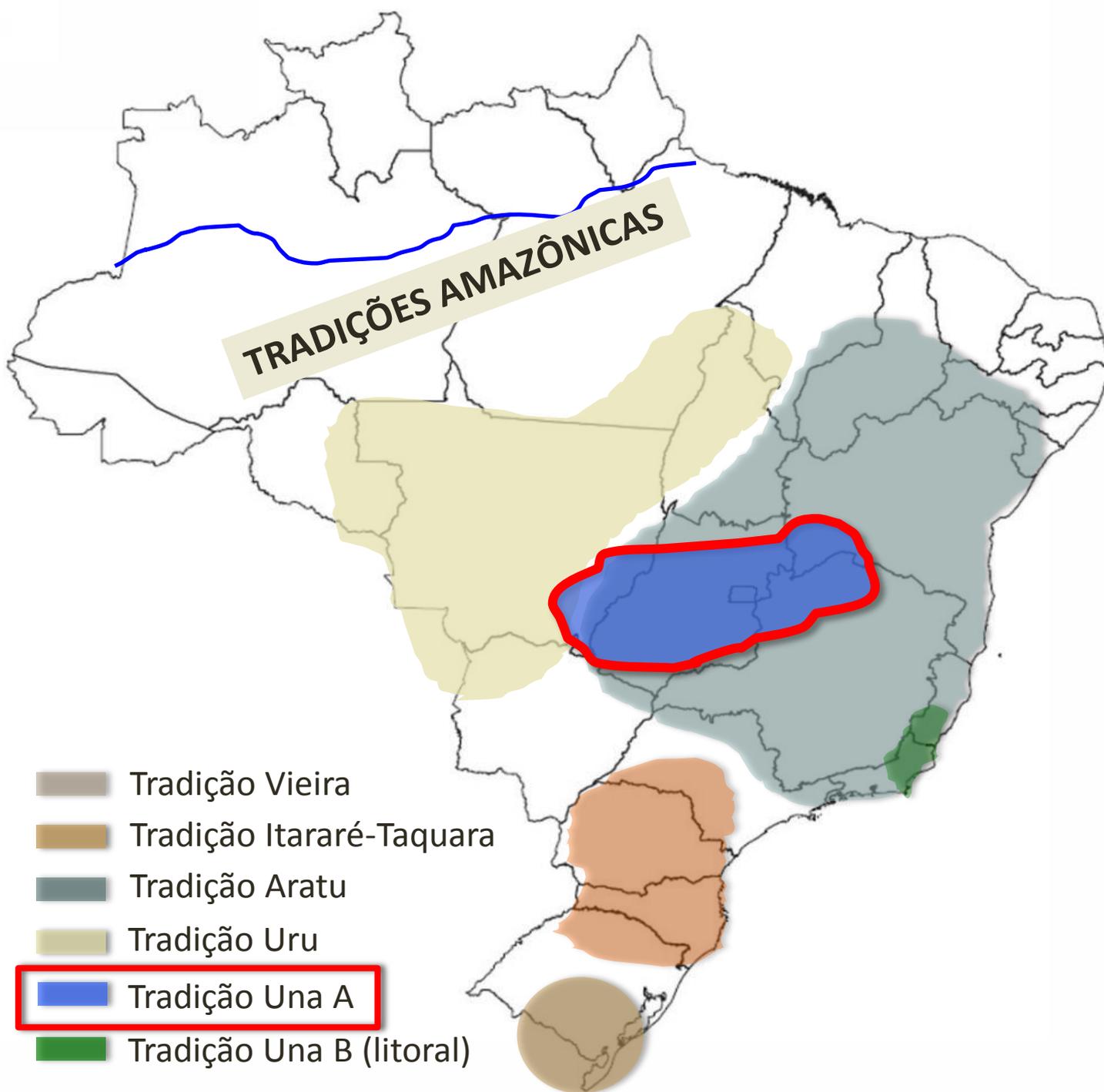


RAMOS

LÍNGUAS

FAMÍLIA JÊ

Jê Meridional	Kaingang, Xokleng
Jê Central	Xavánte, Xerénte
Jê Setentrional	Timbira, Apinajé, Kayapó, Panará, Suyá



Grupos Macro-Jê do Brasil central

Cerâmica Una A: ceramistas iniciais

- **~3.500 anos AP (3700 cal AP)**
- Descrita pela primeira vez no sítio **Gruta do Gentio II (MG)**, escavado pelo PRONAPA na década de 1970 e 1980
 - Ocupação de caçadores-coletores na base (c. 10-7.000 anos AP)
 - Ocupação ceramista antiga (c. 3500 AP)
 - Ocupação ceramista recente (c. 1800-400 AP)



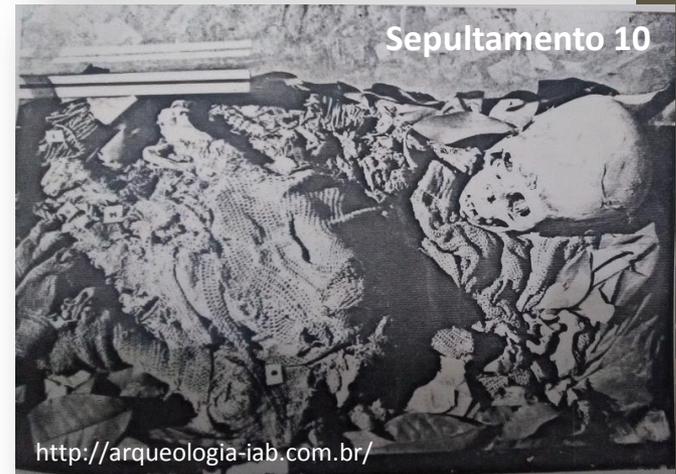
Grupos Macro-Jê do Brasil central

Cerâmica Una A: ceramistas iniciais

- ~3.500 anos AP (Gruta do Gentio II)
- Enterramentos humanos
 - 36 adultos, 42 crianças
 - Enterramentos primários e secundários (alguns com mumificação natural e cremações)
 - Com acompanhamento funerário
 - Preparação do corpo antes do enterramento (corpo embrulhado em esteiras e/ou couro)
- Coprólitos: Parasitologia indica rota pacífica de migração até as Américas pela presença do parasita *Trichuris trichuria* (Gonçalvez et al. 2002)



<http://arqueologia-iab.com.br/>



<http://arqueologia-iab.com.br/>

Grupos Macro-Jê do Brasil central

Cerâmica Una A: ceramistas iniciais

- ~3.500 anos AP (Gruta do Gentio II)
- Cerâmica, cestaria, tecelagem, artefatos líticos, conchas
- Arte rupestre (gravuras e pinturas)



Grupos Macro-Jê do Brasil central

Cerâmica Una A: ceramistas iniciais

- **Variedade A:**
- Cerâmica
 - Pequena
 - Formas arredondadas
 - Cor escura
 - Antiplástico vegetal (cariapé)
 - Sem decoração, às vezes plástica



(Seda et al. 2011)

Grupos Macro-Jê do Brasil central

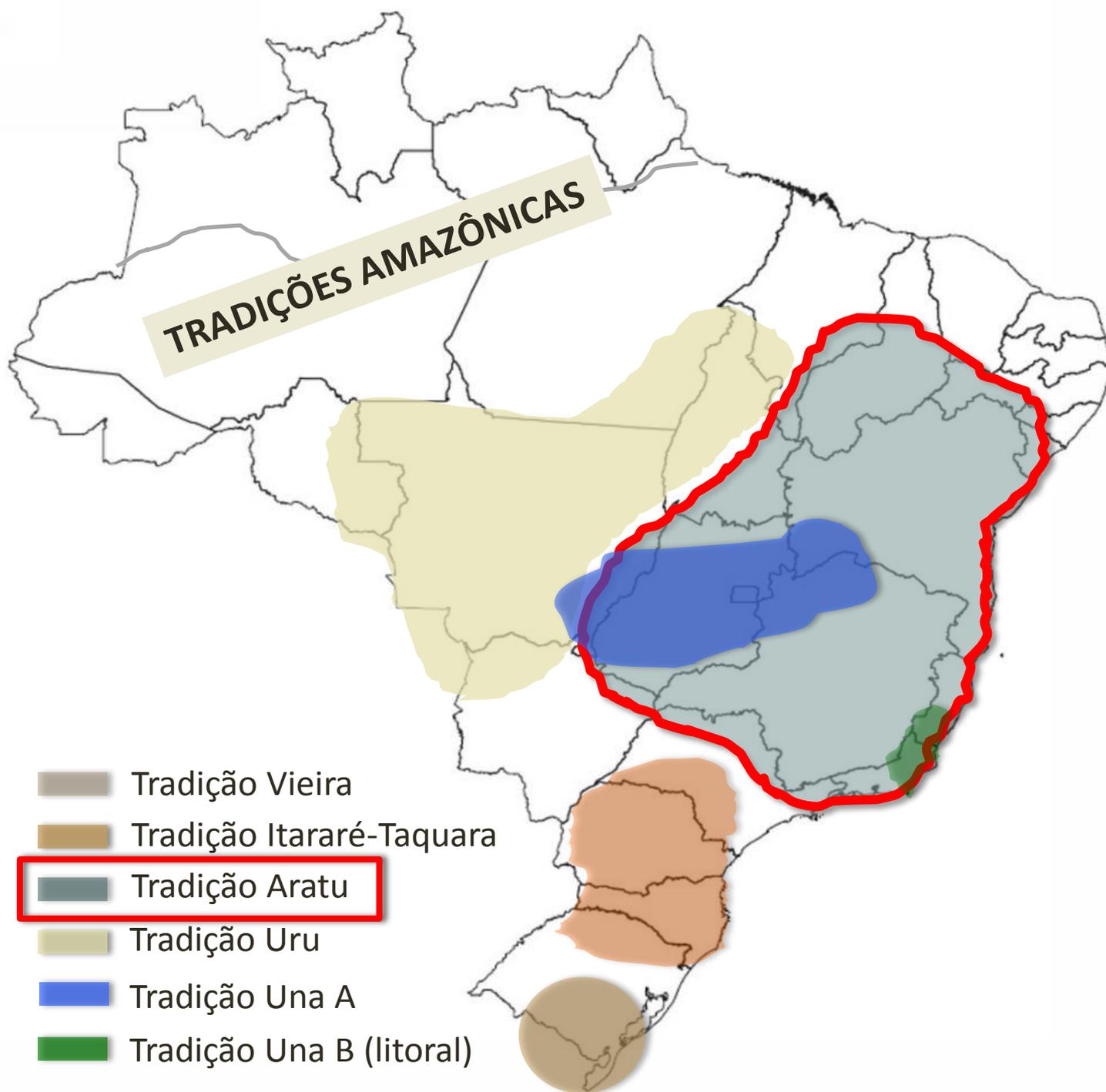
Cerâmica Una A: ceramistas iniciais

- **~3.500 anos AP**
- Agricultores incipientes de milho e mandioca
- Nômades a seminômades habitantes do Cerrado
- Sítios a céu aberto e em abrigo
- Enterros em abrigos sem urnas, inclui cremações
- Em tempos tardios é identificada em sítios a céu aberto em Tocantins, Goiás, Minas Gerais e Bahia
- Coexistiram com ceramistas Aratu e Tupiguarani

- Zona nuclear da Tradição Una A: Norte de Minas Gerais e sul de Goiás
- Origem provável da cerâmica: Amazônia?
- Relacionadas com as aldeias circulares que aparecem por volta de 800 AD?

A introdução de plantas domesticadas no Brasil Central

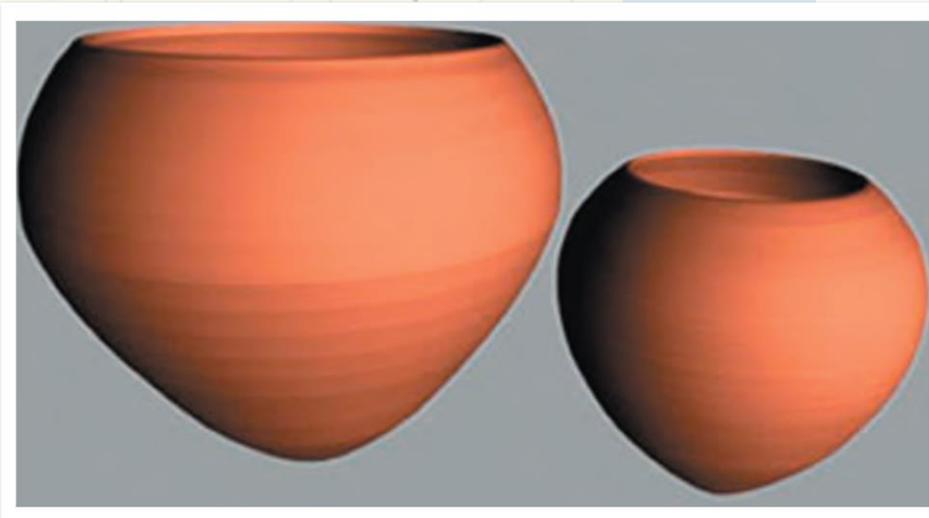
- Não foi centro de domesticação - Distante de Mesoamérica, Andes, Amazônia)
- Chegada de espécies domesticadas através da Amazônia
- Lapa dos Bichos e Lapa Pintada (MG) (Shock & Knipis 2015):
 - Cultivo de abóbora, cabaça e mandioca domesticada a partir de 4400
 - Cultivo de milho a partir de c. 2000-750 AP
 - Cultivo de amendoim, algodão e feijão a partir de c. 750-150 AP
 - Espécies domesticadas foram introduzidas por difusão cultural, não há evidências de migração (a cultura material permanece a mesma ao longo de todo o período de ocupação dos sítios)
- Santana do Riacho (MG): milho há 2800-4500 AP
- São Raimundo Nonato (PI): feijão e amendoim há 1600-1200 AP



Grupos Macro-Jê do Brasil central e nordeste

Cerâmica Aratu

- Tradição definida por Valentin Calderón (1971, Pronapa) no recôncavo Baiano
- Extensão
 - Piauí, Maranhão, Bahia, Minas Gerais, Goiás e São Paulo
- Limite Oeste: vale do Rio Araguaia
- Limite Norte: vale do Rio Tocantins



Legenda	
	Trechos navegáveis
	Trechos de pouca navegabilidade
	Obstáculos à navegação



Legenda	
	Trechos navegáveis
	Trechos de pouca navegabilidade
	Obstáculos à navegação

Grupos Macro-Jê do Brasil central e nordeste

Cerâmica Aratu

- Primeiros agricultores-ceramistas do Brasil central e nordeste
- Chegada ao Brasil central no século VIII-IX
- Chegam ao nordeste no século IX até o século XV
- Habitavam biomas de Cerrado e Mata Atlântica
- Sem evidências arqueológicas de assentamentos na Caatinga e no semiárido nordestino
- Agricultores de milho e batata



Grupos Macro-Jê do Brasil central e nordeste

Cerâmica Aratu

- Origem externa ao Brasil Central: na **Amazônia?**
(Brochado 1981; Robrahn-Gonzalez 1996)
 - ***Não se associam aos ceramistas da Tradição Una***
 - Padrão de assentamento diferente dos ceramistas Una
1. Rota de migração sentido Oeste-Leste do Amazonas/Rondônia, cruzando as redes fluviais do Tapajós, Xingu e Araguaia
 2. Uma parte seguindo em direção o Nordeste
 3. Outra descendo até o sul de Goiás, norte de São Paulo e Minas Gerais pelo vale do São Francisco
 4. Chegaram à costa do Espírito Santo vindos da Bahia em tempos tardios (1700 AD)

Grupos Macro-Jê do Brasil central e nordeste

Cerâmica Aratu

- Cerâmica:
 - Roletada/ acordelada
 - Maioria sem decoração
 - Decoração plástica ou pintada muito rara
 - Superfícies alisadas ou engobo de grafite
 - Vasilhames cônicos, globulares e semi-globulares
 - Tigelas rasas
 - Recipientes geminados
 - Antiplástico mineral ou cariapé





Grupos Macro-Jê do Brasil central e nordeste

Cerâmica Aratu

- **Urnas funerárias**
 - Piriformes e globulares
 - 70-75 cm de altura/ 60 cm de diâmetro
 - Superfície alisada sem decoração
 - Ocasionalmente pátina de grafite ou engobo vermelho
 - Alguns casos de decoração
corrugada-ondulada só na borda (BA, ES)
...influência/ contato com grupos Tupi?



Grupos Macro-Jê do Brasil central e nordeste

Cerâmica Aratu

- **Urnas funerárias**

- Enterramentos primários em posição fetal (fletido)
- Idosos, adolescentes, adultos, jovens, crianças e recém nascidos
- Tamanho da urna varia conforme a idade do indivíduo a ser enterrado nela
- Isoladas ou em grupo (de até 100 urnas) sempre fora dos sedimentos pretos e escuros que caracterizam a base das residências (palhoças)
- Acompanhamento funerário (machados de pedra, fusos cerâmicos etc.)

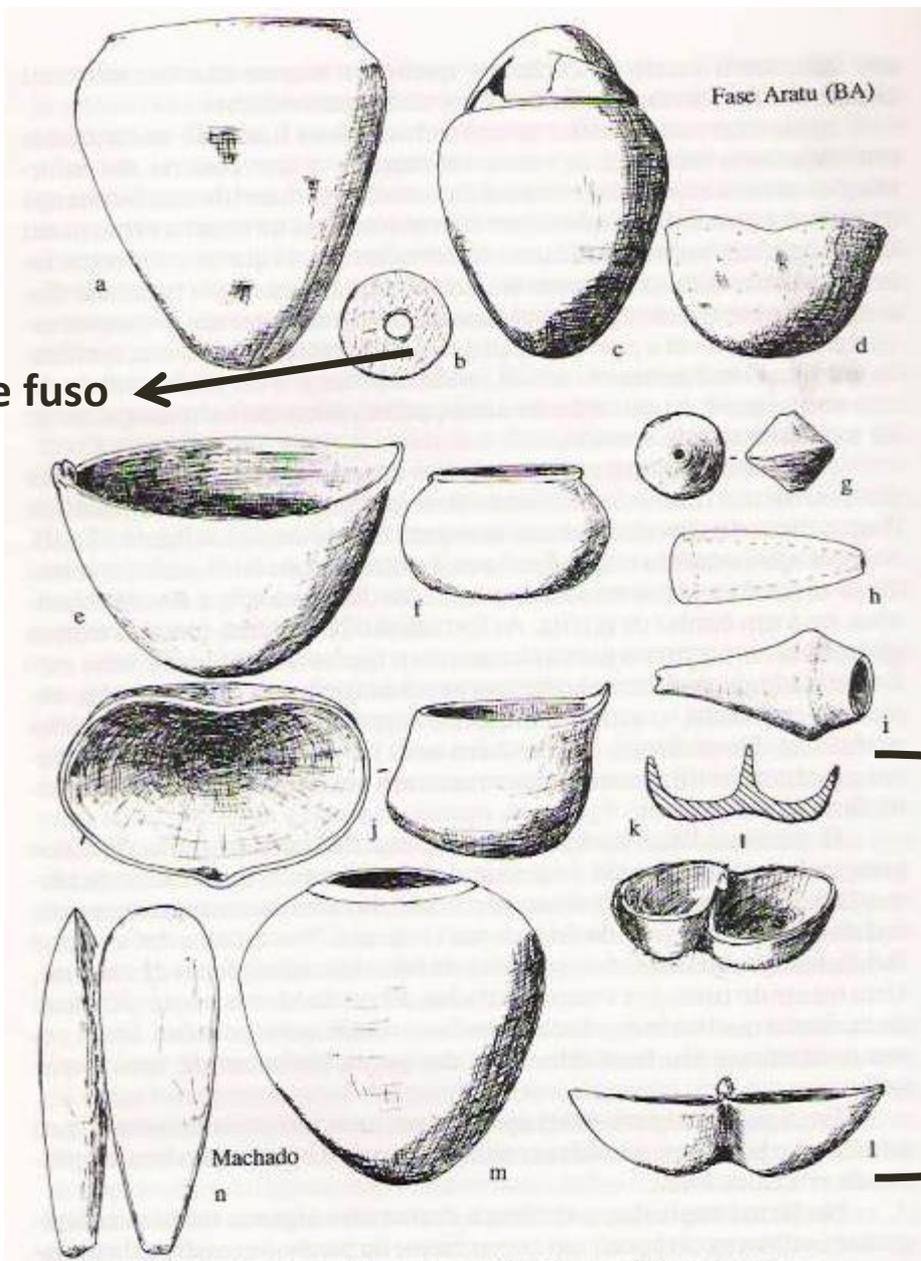


(Faccio et al. 2007)



**Urnas funerárias do
Sítio Caçapava 1
(Schmitz 2008)**





Urnas Aratu

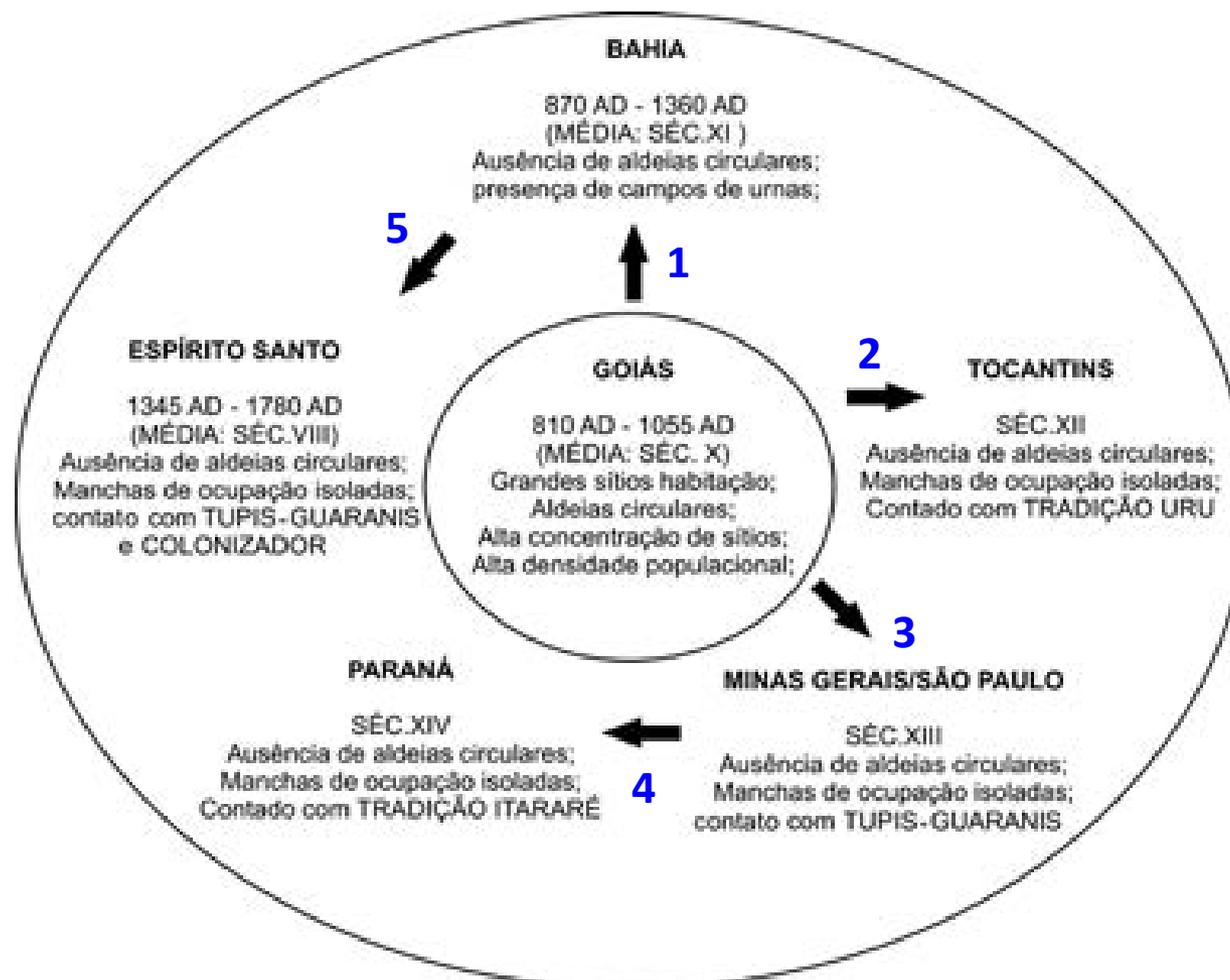
(Bahia e Minas Gerais)

Vasilhame geminado

Grupos Macro-Jê do Brasil central e nordeste

Cerâmica Aratu

- A partir dos séculos X e XI aumenta presença de materiais relacionados a outras tradições cerâmicas: **Uru e Tupiguarani**
 - A partir do século XV não se identificam mais sítios Aratu na região tradicionalmente habitada por estes ceramistas
- **Desaparição das aldeias Aratu possivelmente causada pela expansão Uru, primeiro, e Tupiguarani, depois**

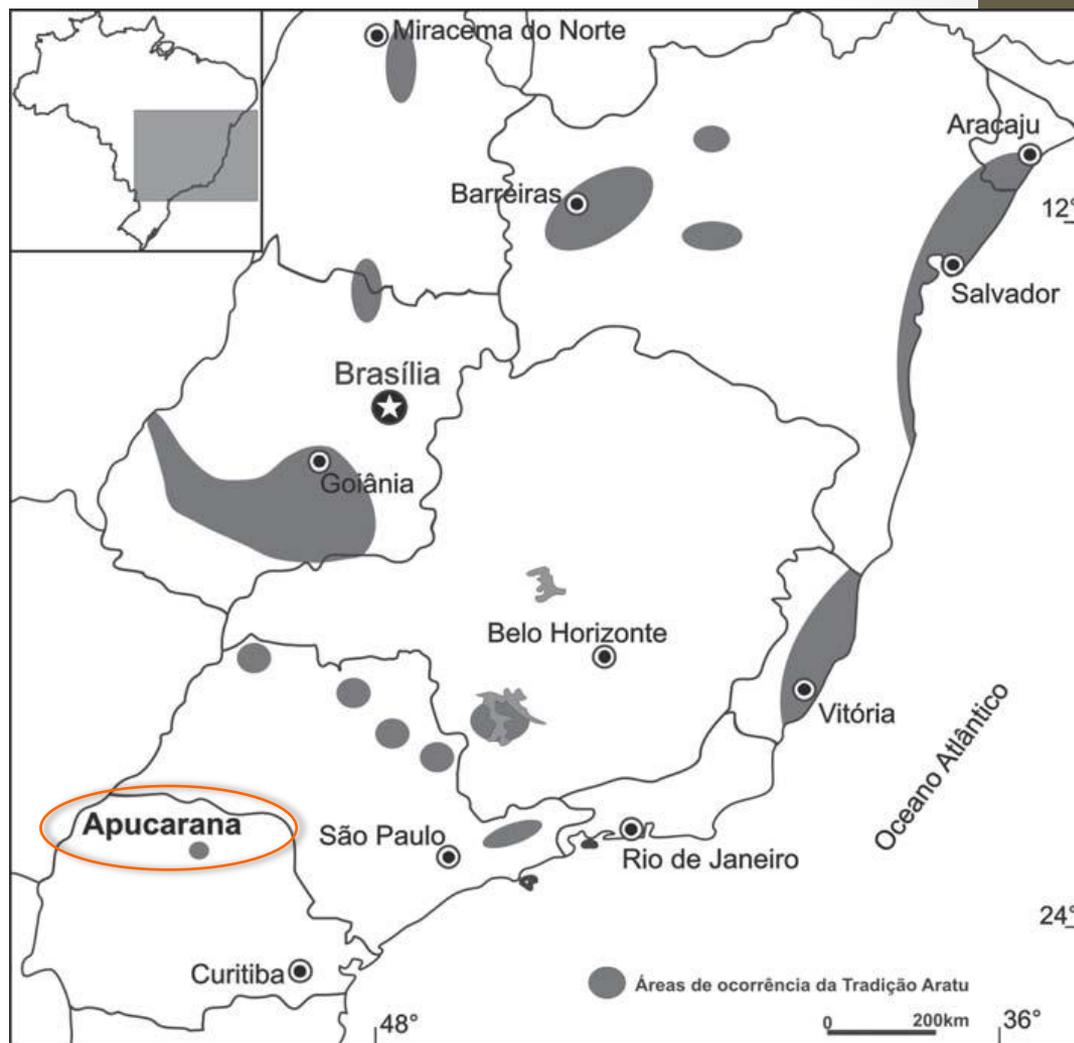


(Soares 2013)

Aratu no Paraná (Schmitz & Rogge 2008)

- **Sítio Apucarana**

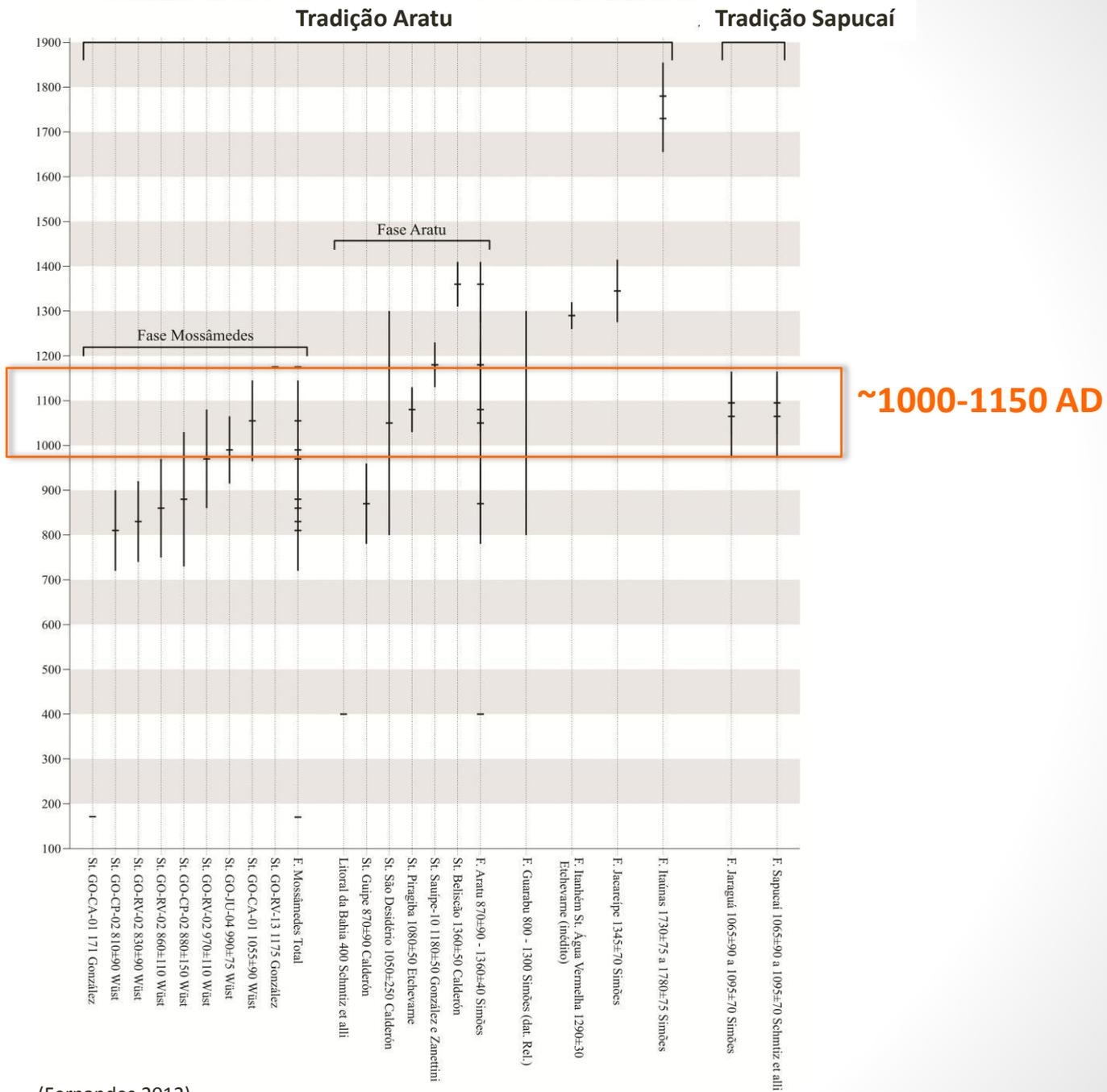
- Norte do Paraná
- Século XIV-XV
- No limite da floresta subtropical com a floresta de araucária
- Elementos da Tradição **Aratu** com elementos da Tradição **Taquara-Itararé**
- Autores sugerem convivência de pessoas dos dois “grupos”
- Fusão de técnicas



(Schmitz & Rogge 2008)



Cronologia dos Sítios e Fases da Tradição Aratu e da Tradição Sapucaí (em AD)



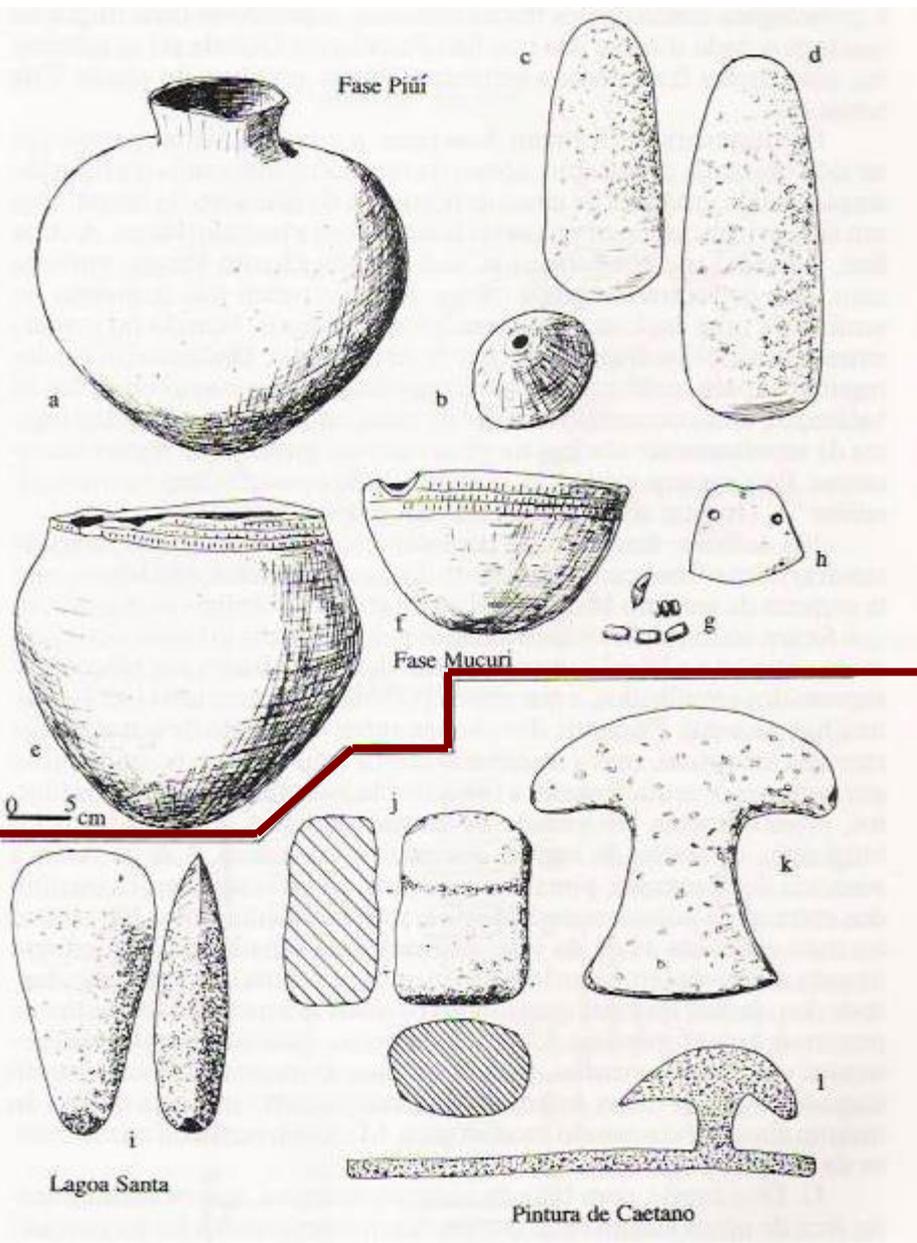
(Fernandes 2012)

Tradição Aratu-Sapucai

- Norte de São Paulo sudoeste de Minas Gerais
- Grupos horticultores ceramistas do *Cerrado*
- Sepultamentos em urna
- Aldeias circulares e semi-circulares
- **Cerâmica**
 - Vasilhames globulares, rodela de fuso, pratos, tigelas, vasilhas geminadas
 - Grandes urnas globulares (com sepultamentos)
 - Tempero mineral (sem caraipé)
- Machados polidos e machados semilunares







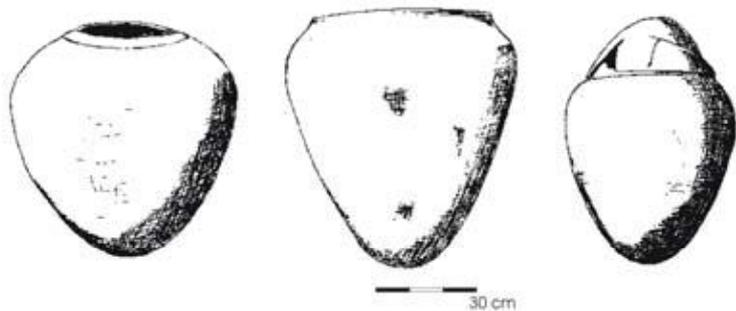
Una A
 Norte de MG

Aratu-Sapucai
 Norte de MG

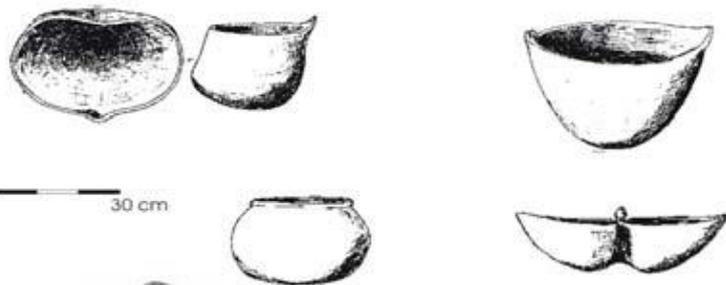
(Prous, 1992)

TRADIÇÃO ARATU/SAPUCAÍ

Urnas funerárias



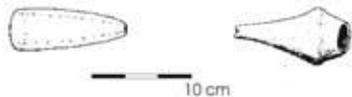
Recipiente utilitários



Machado semilunar



Cachimbos

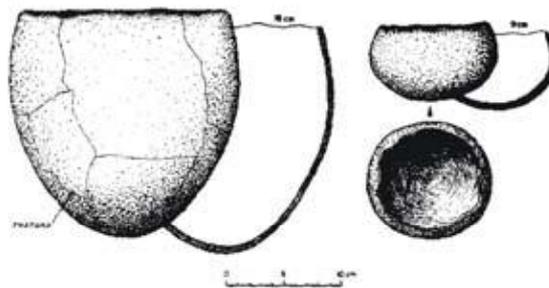


Fuso



TRADIÇÃO UNA

LAPA DO BOQUETE



LAPA DO BOQUETE

PIRRE DE BASTILHAMES



Fase Piumhi



BALAO

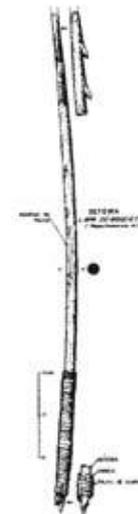
LAPA DO BOQUETE (SAPUCAÍ)



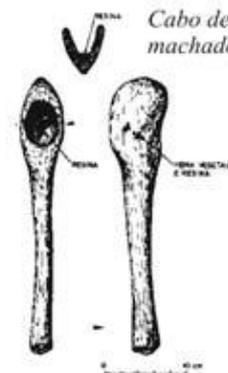
PIRRE CILINDRICO



Machado polido

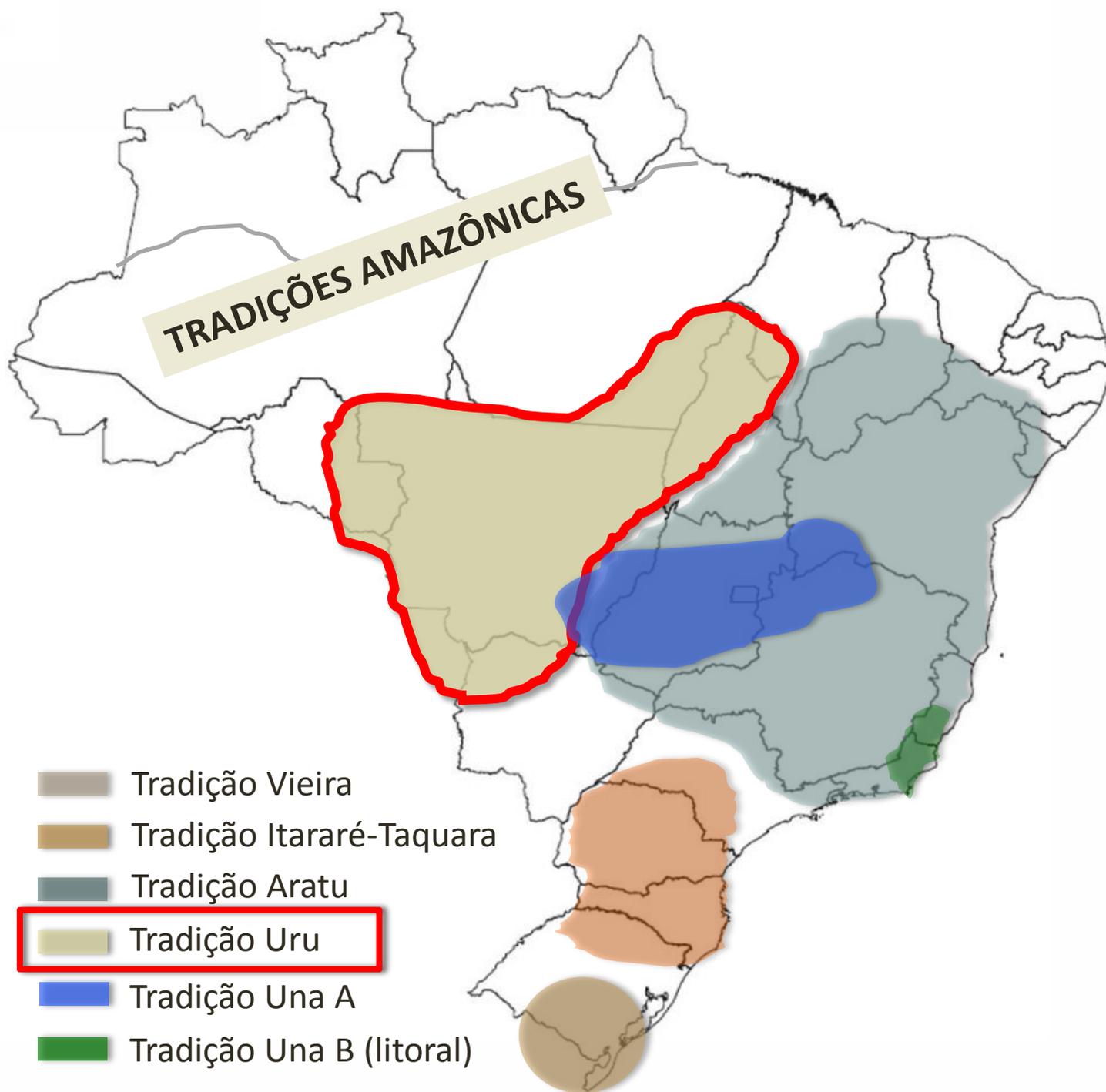


Cabo de machado



Relação entre Aratu-Sapucaí e Una

- Apesar de serem definidas como tradições distintas, ambas são associadas ao grupo etnohistórico **Cataguá**, sendo Una mais antigo que Sapucaí (Dias Jr & Carvalho 1982; Prous 1992)
 - Grupos falantes de línguas Macro-Jê
 - Vocábulo utilizado pelos bandeirantes paulistas para designar genericamente a qualquer grupo não-tupi habitante das florestas (*cataguá = aquele que vive no mato*)
 - Provavelmente nunca teria existido uma nação Cataguá e não se tratava de um único grupo homogêneo
- Segundo Henriques (2006) Aratu-Sapucaí e Una seriam de fato parte integrante de uma mesma tradição cerâmica, não haveria motivos para separação



Grupos Macro-Jê do centro-oeste

Cerâmica Uru

- Alto Tocantins e Mato Grosso
- Área de confluência de grupos provenientes do planalto circundante (Robrahn-Gonzalez 1996)
- Ocupação começa nos séculos VIII-IX
- Sítios a céu aberto em bioma de Cerrado
- Assentamento lineais (ao longo de rios)
- **Grandes aldeias circulares**



Grupos Macro-Jê do centro-oeste

Cerâmica Uru

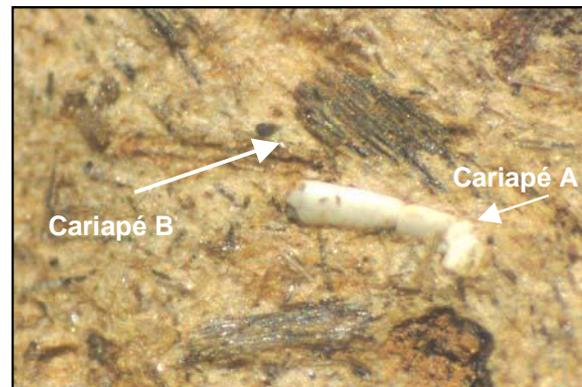
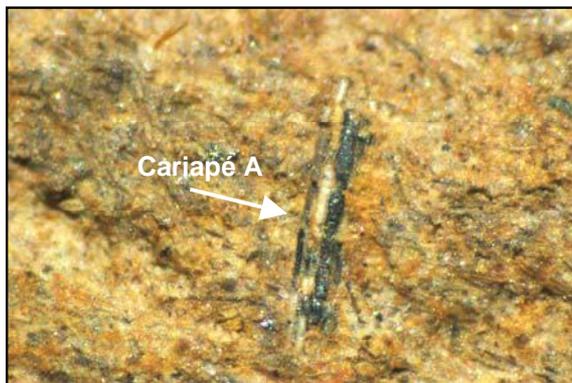
- Século XI: Expansão Oeste-Leste e invasão dos territórios ocupados pelos grupos de Tradição Aratu
- Século XII: Grande crescimento populacional
- Séculos XIV-XV: Expansão Sul-Norte pela bacia do rio Tocantins



Grupos Macro-Jê do centro-oeste

Cerâmica Uru

- Cerâmica
 - Simples, tigelas rasas e pratos com bases planas em pedestal
 - Sem decoração (as vezes engobo vermelho)
 - Antiplástico de **cariapé**, areia, fibras
 - Formas globulares
 - Urnas
- Agricultores de mandioca e milho



(Oliveira 2005)

Grupos Macro-Jê do centro-norte

Agricultores do Centro-Norte

- Definidos por Robrahn-Gonzalez (1996)
- Alto/ médio curso dos rios Araguaia e Tocantins
- Cultura material apresenta **um misto das tradições Uru e Aratu**
- Origem vinculada a transformações sofridas por grupos portadores de cerâmica Uru e Aratu a partir do século X
- Supremacia dos grupos Uru sobre os Aratu desencadearam processos locais e específicos de mudança cultura

As aldeias circulares dos grupos Macro-Jê Uru e Aratu

- **Aldeias circulares**
 - Mais de 500 m de diâmetro
 - 1 a 3 anéis concêntricos de casas que circundavam uma praça central
 - Organização do espaço se mantém nos grupos Jê etnográficos, como *Bororo*, *Kayapó* e *Xavante*
 - Podiam habitar mais de 1000 pessoas
 - Os cemitérios com centenas de urnas são adjacentes às aldeias ou podem também estar dentro delas
 - Deixam no registro arqueológico grandes manchas de sedimentos pretos de até 1 m de espessura

- **Aldeias circulares**

- Praça central
- Cabanas dispostas em até 2 linhas concêntricas



Sociedade dialética

- Estrutura concêntrica, plenamente consciente no pensamento indígena, na qual a relação entre centro e periferia expressa duas oposições,
 - uma entre *masculino e feminino*
 - outra entre *sagrado e profano*,
- O conjunto central, formado pela casa dos homens e pelo pátio de dança, serve de palco para a vida ritual
- A periferia é reservada para as atividades domésticas das mulheres, excluídas por natureza dos mistérios da religião (exemplo disso são a fabricação e manipulação das flautas, que ocorrem na casa dos homens e que as mulheres não podem ver, sob pena de morte).

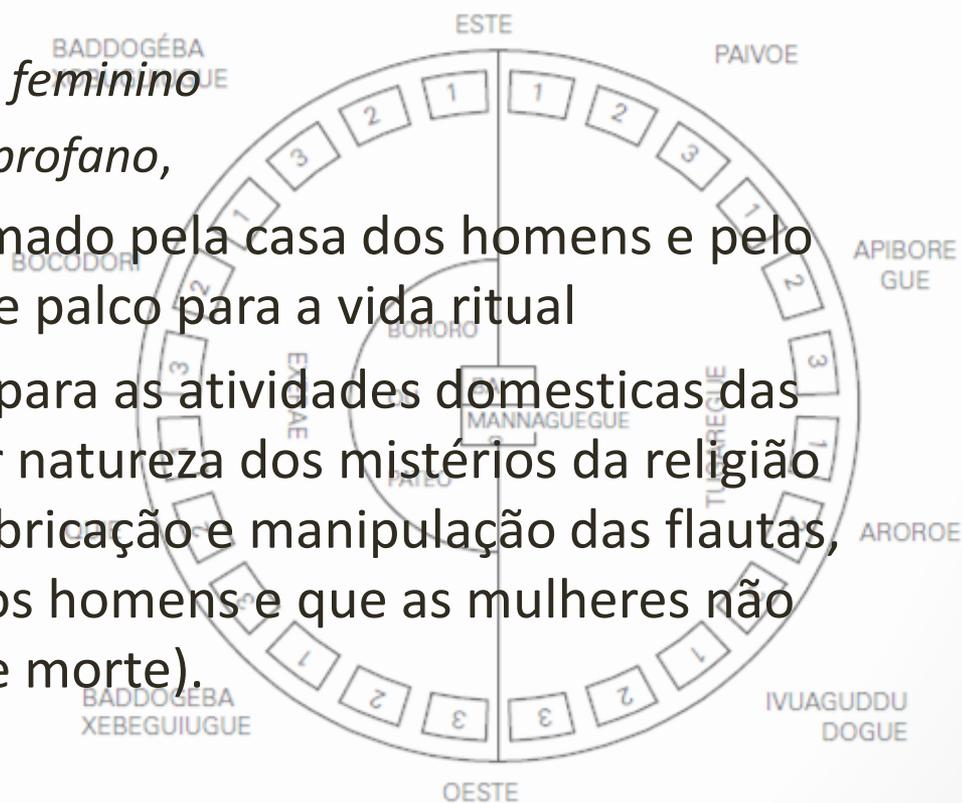




Foto: Sylvia Caiuby, 1971

Aldeia Canela (Timbira) – Círculo Fechado

Foto: ca. 1970



(Crocker 1990)

Jean Manzon / O Cruzeiro - 1944
Os chavantes - Mergulho na Aventura



A DESCOBERTA DOS
CHAVANTES

(Welch 2013)

Aldeias circulares
- Aldeia abandonada Xavante



(Welch 2013)

Aldeias circulares

- Timbira/Canela (Maranhão) – Corrida de toras



(Crocker 1990)

Aldeias circulares

- Timbira/Canela (Maranhão) – Uso de máscaras em rituais

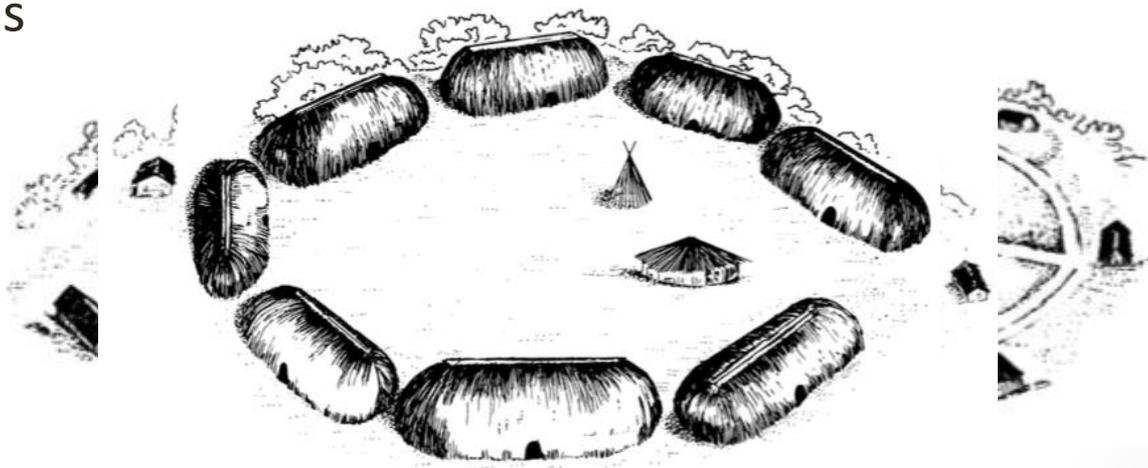


(Crocker 1990)

3 tipos de aldeias circulares são descritas nas etnografias

(Wüst & Barreto 1999):

1. Casas relativamente pequenas a escassa distancia uma da outra (exemplo: os *Krahó*). Múltiplos anéis de casas
2. Casas formando um anel, mais próximas umas das outras (exemplo: *Kayapó*, *Bororo* e algumas aldeias *Xavante*). Múltiplos anéis de casas. Ocasionalmente possuem casas centrais para os homens
3. Algumas casas multi-familiares muito próximas formando um círculo (exemplo: grupos do alto Xingú). Casas centrais para os homens



Os Bororos (Boe) – Funeral

A morte



Museu Bororo, UNB; Crocker 1990



Os Bororos (Boe) – Funeral

O primeiro enterro – cova rasa no centro da aldeia.



Novaes 2006

Os Bororos (Boe) – Funeral

O segundo enterro

O aroe-maiwu (alma nova) agora está pronto. Como o verdadeiro representante do morto, ele parece um sol esplendoroso e surge em um ritual que ocorre no pátio central da aldeia (Novaes 2006)



(Novaes 2006)

Os Bororos (Boe) – Funeral

O desenterro



Museu Bororo, UNB

Os Bororos (Boe) – Funeral

Re-enterro secundário



As aldeias circulares dos grupos Macro-Jê Uru e Aratu

ORIGEM

2 Hipóteses

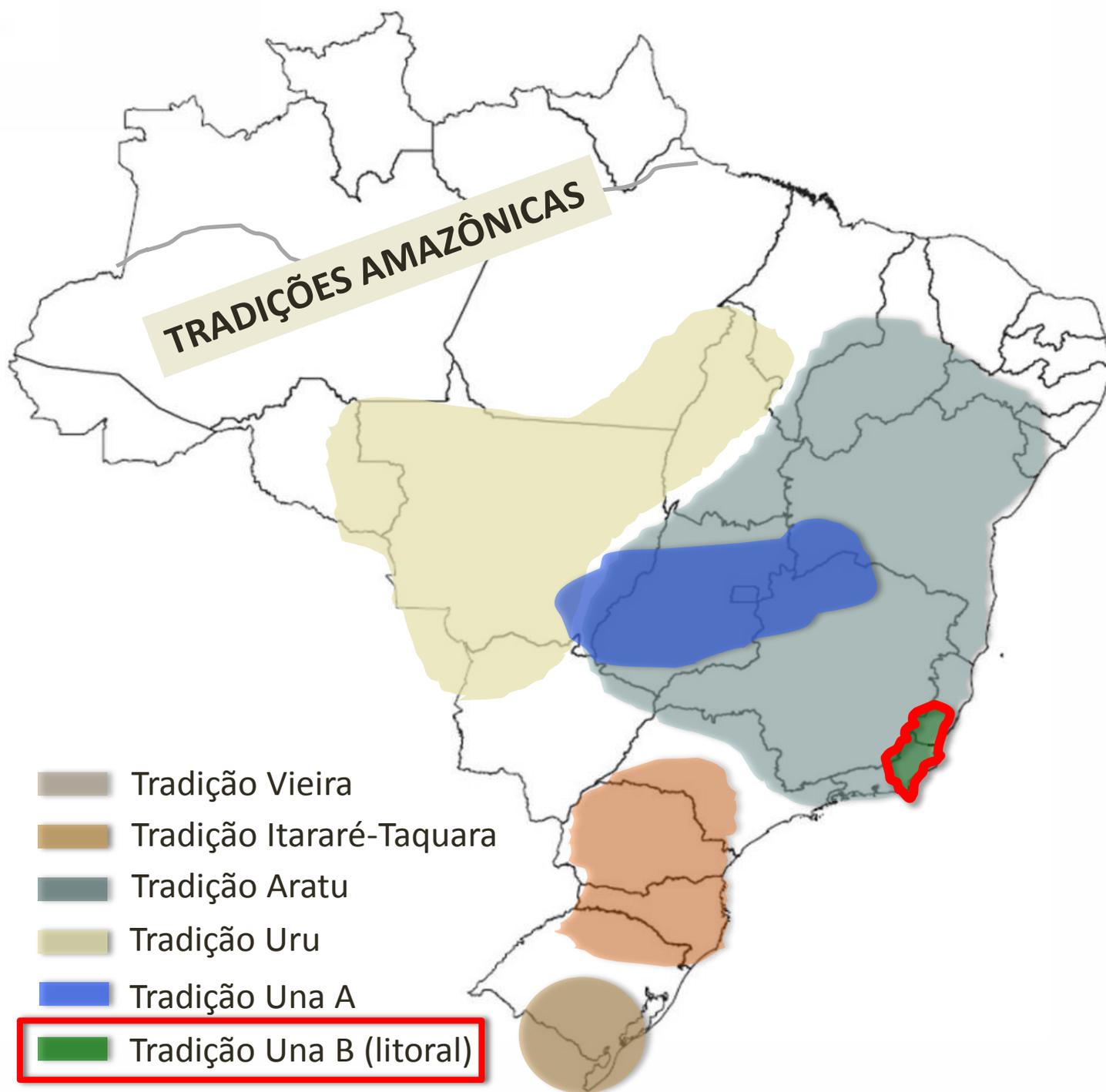
1. **Origem autóctone: desenvolvimento local a partir dos grupos caçadores-coletores da região com posterior influência de grupos de áreas externas (Wüst 1990)**
2. **Origem alóctone: migração de grupos ceramistas e horticultores provenientes da Amazônia (Robrahn-Gonzalez 1996)**

Origem das aldeias circulares

- **Hipótese 1:** provavelmente amazônica...mas... (Wüst 1990)
 - As evidências arqueológicas de migrações vindas da Amazônia ainda estão ausentes
 - O padrão das aldeias circulares do Brasil Central é diferente das aldeias descritas nos assentamentos da Amazônia
 - Diferenças na linguagem, sistemas sociais e mitologia dos grupos Jê do Brasil central com grupos da Amazônia
 - Se as aldeias circulares do Brasil central foram importadas da Amazônia, então por que são tão diferentes dos assentamentos da Amazônia?
- Evidência arqueológica aponta a origem local, resultado de pressões sofridas pelos grupos do Brasil central (e.g. pressão pelos Tupi) e crescimento demográfico que motivaram a organização da população em comunidades mais estruturadas (Wüst & Barreto 1999)

Origem das aldeias circulares

- **Hipótese 2: Amazônia** (Robrahn-Gonzalez 1996)
 - Sítios semelhantes associados à Tradição Incisa-Ponteada (Arawak) da Amazônia
 - Artefatos associados à Tradição Uru se encontram em contextos etnográficos da Amazônia
 - Sítios do alto Xingu integram cerâmicas da Amazônia e do Centro-Oeste
 - Grandes aldeias se estabelecem em ambientes diferentes dos sítios líticos de caçadores-coletores (exploração de ambientes distintos)
- Vales dos rios Xingu e Tapajós usados como eixos de penetração



Grupos Jê do litoral sudeste

Cerâmica Una B

- **Variedade B**
 - Definida por Ondemar Dias Jr (PRONAPA)
 - ~2.000 anos AP
 - Litoral do Rio de Janeiro, Sul do Espírito Santo e sudoeste de Minas Gerais
- Cerâmica
 - Dimensões pequenas
 - Cor escura, enegrecida
 - Antiplástico de areia
 - Sem decoração (as vezes engobo vermelho e polido-estriado)
- Ocupação em abrigos e a céu aberto
- Sepultamentos em urnas
- Agricultores de mandioca e milho